



O SABER DOCENTE PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE VALORIZE OS MODOS DE SER JOVEM¹

Alessandra de Almeida Souza
Pedagoga/ licenciada em letras
Mestranda em educação
Universidade do Estado do Pará
alessandra_almeidasouza@yahoo.com.br

Hamanda Maiara Nascimento Pontes
Pedagogia
Universidade do Estado do Pará
m-pontes15@hotmail.com

Resumo: Este artigo foi construído a partir da pesquisa bibliográfica acerca do assunto saberes docentes, onde buscou-se discutir de forma breve as concepções sobre os saberes necessários para prática escolar, particularmente os saberes relacionados a condição juvenil. O objetivo do trabalho é compreender como os saberes docentes podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a existência do jovem, sua cultura e modos de ser. Mesmo diante dessa dificuldade de relacionar-se com a juventude, a escola tem se mostrado pouco preocupada em desenvolver saberes para relacionar-se com os jovens estudantes. Podemos constatar, a partir das reflexões dos autores, que se a escola reformular o currículo e as ações pedagógicas voltadas ao contexto juvenil, valorizando o modo de ser jovem dos estudantes, poderá melhorar o seu trabalho com a juventude.

Palavras-Chaves: Saberes Docentes. Juventude. Escola.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a produção científica no campo das pesquisas em Educação tem revelado um interesse investigativo crescente por objetos envolvendo as experiências de escolarização de jovens, seus modos de ser e figurar no espaço escolar e as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula no trabalho com esse grupo geracional.

No que se refere a este último, podemos considerar que o debate sobre práticas pedagógicas passa também pelo tema dos *saberes plurais* que constituem o fazer e o ato docente (TARDIF, 2002). A palavra "saber" oriunda dos verbetes do dicionário, apresenta um significado que nos remete aos seguintes sentidos: conhecimentos; ficar ou permanecer informado; expressar conhecimentos determinados. Se Transpusermos tais conceitos para o campo educacional, mais precisamente para os saberes de professores, a importância dessa palavra ganha dimensões bem maiores, pois se refere ao conjunto de processos de formação e de aprendizagem construídos socialmente, com a finalidade de instruir os membros de uma sociedade (TARDIF, 2012). Desse modo, o sentido da palavra "saber" além de ser

¹ Este trabalho é resultado da disciplina Saberes, Competências e identidade profissional do professor, vinculada a grade curricular do PPGED/UEPA.



conhecimento, algo que qualifica a todos individualmente, pode ser também, instrução social garantida pelo trabalho dos professores em sua tarefa pedagógica.

Porém, nota-se que não só a escola, como também os professores, na rotina de sala de aula, sente certo desconforto ao lidar com os jovens estudantes, transparecendo a ausência de um saber necessário para relacionar-se e até mesmo ensinar os jovens com quem se relacionam cotidianamente. Neste sentido o objetivo deste artigo é compreender como os saberes docentes podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a existência do jovem, sua cultura e modos de ser.

Para tanto, o texto encontra-se dividido em três partes: na primeira secção apresentamos os conceitos de saberes e juventude, trabalhados a partir da perspectiva de Tardif (2006), Abramo (2004) e Freire (2009), respectivamente. Em seguida, discutiremos os resultado embasadas nas contribuições de Dayrell (1995, 2007) e Carrano e Dayrell (2013) que colocam em questão a relação da juventude com a escola. E por fim, nas considerações finais, apresentamos algumas pontuações sobre o problema colocado.

SABERES DOCENTES E JUVENTUDE: BREVE CONCEITUAÇÃO

A profissão docente exige saberes para a prática em sala de aula, contudo, indaga-se, quais saberes são esses? Qual sua origem? Como esses saberes se constroem? Ao buscar respostas, verifica-se que não estão completas e definitivas, há somente a oferta de elementos para possíveis reflexões, já que a produção científica no campo de estudos sobre saberes docente é recente.

Para Tardif (2002), os saberes docentes podem ser classificados a partir de quatro categorias: disciplinares, curriculares, profissionais (incluindo os das ciências da educação e da pedagogia), culturais e aqueles oriundos da experiência humana. O primeiro conjunto de saberes, de ordem disciplinar, é formado por aqueles construídos na acadêmia, apreendidos na formação inicial e continuada por meio das diversas disciplinas oferecidas nos cursos de graduação em licenciatura, os quais estão legitimados, pois “emergem da tradição cultural dos grupos sociais produtores de saberes” (TARDIF, 2006, p.38).

Já os saberes curriculares são aqueles selecionados pela escola, considerados eruditos e necessários para formar o educando. Tardif (2006) afirma que no cotidiano de suas relações os professores se apropriam de saberes produzidos pelos discursos, objetivos, conteúdos e métodos que a instituição escolar apresenta como legítimos da cultura tradicional.

O saber cultural, de acordo com Tardif (2005) seria aquele "herdado de sua trajetória de vida e de sua pertença a uma cultura particular, que eles partilham em maior ou menor grau



com os alunos". Este tipo de saber constitui a condição humana de cada docente, pois enquanto sujeito social que possui uma materialidade histórica está mergulhado em um complexo conjunto de práticas, costumes e tradições de seu tempo que possibilita a construção de uma identidade cultural. Esta que, por sua vez, poderá influenciar na sua prática em sala de aula.

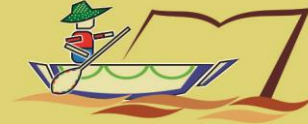
Os saberes experienciais, por sua vez, estão ligados à prática do professor, que diante das situações cotidianas adquirem saberes experienciados no chão da escola. Essas experiências são advindas de seu exercício individual e coletivo. Tardif (2002) os denomina de *saberes específicos*, de *saber fazer e de saber ser*, pois são adquiridos na prática da docência.

Em linhas gerais, o profissional docente necessita de saberes para atuar em sala de aula, afinal, ser professor implica em uma responsabilidade que está para além dos conteúdos científico-disciplinares ministrados em sala de aula, visto que, a sua atuação poderá contribuir na construção de identidades cidadãs participativas e comprometidas com os problemas da sociedade.

Outro conceito que aparece importante nessa discussão sobre a docência é o de juventude, uma vez que não há como pensa-la fora da relação social que a instaura. A relação com o Outro, nesse caso, o jovem aluno, é o que cria a docência. Porém, tentar compreender o conceito de juventude é ter clareza de que se trata de uma categoria que não esgota seu significado na concepção de faixa etária. Embora a juventude possa agrupar sujeitos de uma determinada faixa etária, isto não quer dizer que sujeitos de idades iguais vivenciem da mesma forma uma condição juvenil. Em suma, o alerta inicial hoje

é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiadas sobre situações e significações diferentes (ABRAMO, 2004, p.43).

A partir de Abramo (2004), podemos perceber que há uma multiplicidade de experiências que integram o cotidiano de jovens. Um exemplo dessas vivências múltiplas é quando se pensa nas experiências da juventude que reside na periferia e aquela que experiencia a vida em um centro urbano, pode-se notar que a constituição dessas juventudes será diferente, pois a juventude da periferia tem práticas socioculturais diferentes em relação a juventude do centro urbano. A juventude é uma categoria plural e não homogênea ou unívoca (Freire, 2009).



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola, em especial os profissionais que nela trabalham, tem enfrentado desafios diante da nova configuração social do público juvenil que a frequenta. Sobre isto, Dayrell (2007, p.1116) pontua que a década de 1990 marca o processo de *ruína dos muros* desta instituição, termo utilizado para simbolizar a abertura das escolas públicas para as camadas populares e a derrubada de barreiras sociais que impediam os indivíduos das classes menos favorecidas, de ocupa-las e usufruir do seu direito a educação básica. Ou seja, novos sujeitos, diversos em termos de classe, gênero, etnia e cultura, “trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente” que afeta diretamente seus percursos escolares.

É comum escutar dos docentes que está cada vez mais difícil trabalhar com jovens estudantes, isto porque, a representação que se tem sobre eles é a de que são causadores de indisciplina, rebeldes e apresentam um forte desinteresse pelos estudos. Muitos aspectos da vida juvenil incomoda o corpo docente e pedagógico da escola, como por exemplo: a linguagem das gírias, os gostos musicais, as roupas e acessórios entre outros. Verifica-se pouco traquejo para lidar com essa juventude que traz para o cotidiano escolar as especificidades de sua condição juvenil, encarada, por vezes, com estranheza e indiferença pelos educadores.

Dayrell (2014) afirma que essa situação entre professores e estudantes, estudantes e instituição, é muito mais uma questão de relacionamento do que um problema a ser equacionado. Ressalta que os estudantes jovens declaram em suas pesquisas que a escola demonstra-se distante dos interesses e necessidades juvenis. O cotidiano escolar seria enfadonho e o que os professores ensinam seria pouco acrescentado á sua formação. Há um processo de busca de culpados, e o professor seria o que mais carrega em suas costas essa culpabilização.

Um dos motivos da existência dessa relação conflituosa pode está na falta de conhecimento, por parte dos professores, sobre quem são esses jovens e a realidade de sua condição. Logo, afirma-se que a compreensão sobre o que é *ser jovem* traria a possibilidade de mudanças na prática pedagógica dos professores, como também, das propostas educativas elaboradas pela escola, na medida em que é por meio da compreensão que poderemos traçar novas percepções e modos de lidar com os jovens estudantes com os quais convivemos(DAYRELL, 2014).

Essa ausência de compreensão está intrinsecamente relacionada a um processo de produção de saberes docente, deficiente e que não inclui realidades e grupos sociais que



historicamente estiveram alocados à margem da sociedade. Dayrell e Carrano (2013) apontam que os currículos de formação inicial das licenciaturas (indistintamente) pouco ou quase nenhum espaço reservam para disciplinas que coloquem em debate o sujeito jovem, sua cultura e condição social. Ao invés, o conhecimento produzido nesses cursos, evidencia uma leitura errônea sobre o conceito, que toma a juventude como um período de crise ou simplesmente uma fase de rebeldia.

É corriqueiro presenciar a dificuldade de compreensão de marcas juvenis que "agridem" a organização da escola e a harmonia em sala de aula. É o caso do uso dos bonés, da entrada sem uniforme, dos celulares, dos fones no ouvido em sala de aula, do uso de calças coloridas ou rasgadas e até mesmo, o uso de casaco por cima do uniforme e das músicas em volume alto. Essas práticas dos estudantes são comuns nas escolas e são marcas de um modo de ser jovem que a escola não consegue deter, mesmo colocando regras para isso.

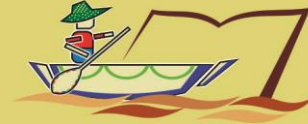
Vemos que mesmo diante dessa dificuldade de relacionar-se com a juventude, a escola tem se mostrado pouco preocupada em desenvolver saberes para relacionar-se com os jovens estudantes. Pensamos que se a mesma reformular o currículo e as ações pedagógicas voltadas ao contexto juvenil, focada em valorizar o modo de ser jovem dos estudantes, poderá melhorar o seu trabalho com a juventude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ser professor, é necessário caminhar em busca de conhecimento que forme e transforme a si mesmo como docente, visto que, o professor carrega consigo responsabilidades de cunho social e cultural. A ele é dada a tarefa de formar pessoas para viver em sociedade, potencializando-as na capacidade de criar, de transformar e de produzir em prol do crescimento não somente pessoal, mas também social.

Diante dessa responsabilidade que é dada ao docente, muitas exigências são feitas a ele, e dentre elas, estão os saberes que este deve ter para atuar em sala de aula com eficácia e autoridade. Nota-se que os saberes necessários são diversos que iniciam desde a sua experiência como estudante e perpassam pela sua experiência de vida, pela sua formação na universidade que oferece conhecimentos pedagógicos, didáticos, disciplinares, entre outros.

Apesar de estudiosos apontarem alguns saberes para uma boa prática docente, observa-se que na relação docente e jovens do ensino médio a configuração é outra, pois, há uma relação conflituosa entre ambos. O que aparenta é que a escola e os docentes ainda não sabem como lidar com a juventude contemporânea. Sendo assim, indaga-se, que saberes são necessários para lidar com os jovens da contemporaneidade? A resposta talvez esteja em



formar os docentes para que atuem com jovens e para isso é necessário que o professor estude, pesquise e conheça quem são os jovens e quais seus modos de ser, para que, assim possa pensar na melhor forma de fazer sua prática pedagógica em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ABRAMO, H. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 2004.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez: **Juventude e Ensino Médio**: quem é este aluno que chega á escola. Editora UFMG, 2014. In: CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez; LINHARES, Carla. **Juventude e ensino médio**: Sujeitos e currículos em diálogos - Belo Horizonte: Editora UFMG: 2014.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo (Org.). **Formações de professores do Ensino Médio, etapa I – caderno II**: o jovem como sujeito do Ensino Médio. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

FREIRE, Jacqueline C.S. **Juventude Ribeirinha: identidade e cotidiano**. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: UFPA, 2002.

TARDIF, Maurice . Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber. In: _____. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 6 ed. 2006.